

EDITORIAL

Em tempos de insensatez generalizada, as ciências humanas têm um papel a cumprir, que é o de elucidar o momento através da crítica, denunciando as ideias tornadas verdade e apontando os caminhos para novas alternativas de futuro, resguardando ao mesmo tempo o conflito de ideias e de posições políticas tão importantes à democracia. Em um ano de muita resistência e luta, a Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais mais uma vez demonstra que segue firme em sua missão de levar conhecimento crítico sobre processos de resistência e mudança social.

A Revista concluiu mais um ano reafirmando seu objetivo de difundir, entre o meio científico, um saber geográfico construído e acumulado numa perspectiva inter(trans)disciplinar por vários pesquisadores e estudiosos de várias universidades do país. Os artigos que compõe essa primeira edição publicada em fluxo contínuo debruçam em torno de temas que versam sobre várias temáticas, mas que tem a busca constante de cidadania dos brasileiros, em suas várias realidades socioespaciais, a linha central.

No primeiro artigo, "A importância do Projeto Consciência Negra como instrumento de luta social em Tamandaré/PE", os autores Maria do Carmo Ferrão Santos e Romero Silva Albuquerque procuraram caracterizar o "Consciência Negra", projeto social que tem lugar em Tamandaré/PE, município litorâneo pernambucano, cuja finalidade maior é desconstruir a cultura do racismo. O texto demonstra que Projeto funciona como instrumento de resistência e de luta e que tende a construir o empoderamento da população negra, bem como a sensibilização da sociedade de Tamandaré para o problema do racismo e a necessidade de sua superação.

No artigo intitulado "A Fazenda Annoni no Rio Grande do Sul: disputa de direitos, luta pela terra e ação dos sujeitos", Simone Lopes Dickel objetiva compreender de que modo a fazenda Annoni se tornou um espaço de conflitos pela terra, apontando os diferentes sujeitos, mostrando também como se tornou objeto de decreto desapropriatório por parte do poder público. Por outro lado, uma das contribuições de seu trabalho é também dar visibilidade a sujeitos que ficaram esquecidos na complexa e extensa história jurídica e social do latifúndio.

Por meio de recursos fotográficos e entrevistas com representantes da cultura do inhame, sobretudo os migrantes do Estado de Rondônia, Débora Teixeira Machado, em artigo intitulado "Perspectiva migratória: o inhame no município de São Francisco do Guaporé/RO", procura evidenciar a cultura do inhame no interior do estado de Rondônia, apresentando como uma consequência de processos migratórios ocorridos em meados de 1980 com a colonização do Estado. A autora ressalta a identidade migratória e suas dinâmicas no espaço agrário rondoniense, cuja marca é a forte relação com a cultura do inhame.

Eugênia Maria Dantas e Emilly Domingos da Silva, no artigo "Território, violência e medo: evidências no bairro de Felipe Camarão, Natal/RN", buscam apresentar a cidade enquanto lugar de encontros e afetos. Para tanto, os autores procuram na vivência e na visão dos moradores do bairro Felipe Camarão, em Natal, os principais elementos da paisagem, bem como os laços e afeição e pertencimento, cujas marcas atuais tem evidenciado os impactos ocasionados pela irrupção da violência e o sentimento do medo.

No artigo "A educação ambiental no ensino de Geografia: uma proposta de atividade pedagógica a partir dos impactos ambientais da produção de cerâmicas vermelhas", Antônio Héilton Vasconcelos dos Santos, Valéria Sandra de Oliveira Costa e Marcela de Melo Soares Sales buscam propor um modelo de atividade didática que insira a Educação Ambiental no ensino de Geografia, a partir dos impactos ambientais causados pelas indústrias de cerâmicas vermelhas no município de Paudalho/PE. Ao final, os autores concluem que as atividades pedagógicas propostas favoreceram o raciocínio geográfico da escola onde o projeto foi aplicado, levando a uma melhor percepção dos problemas ambientais e uma compreensão mais crítica da relação sociedade-natureza.

No artigo "Movimento de resistência socioterritorial nas terras indígenas Yanomami", Beatriz Maria Soares Pontes mais uma vez nos oferece uma visão aprofundada sobre processos de resistência e a constituição de territórios, desta vez mostrando a luta pela terra protagonizada pelos índios Yanomamis. A autora procura apresentar o povo Yanomami a partir de sua relação com a terra e com a floresta, mostrando o seu modo de viver coletivo, suas atividades produtivas e os aspectos da vida material deste povo, bem como o seu complexo mundo simbólico, mítico e cosmológico. Em seguida, ela analisa a luta travada pelos Yanomami para manter a sua terra, bem como a ajuda que vem obtendo de organizações nacionais e internacionais.

Por fim, João Pedro Esteves de Oliveira, Luciana Grossi Araújo de Castro, Helena Carvalho Coelho e Taynara Gabriele Inácio Oliveira, no artigo "A assessoria jurídica popular da UFMG: histórico e perspectivas futuras" procuram apresentar aspectos da trajetória da Assessoria Jurídica Popular (AJUP) da UFMG, mostrando como foram solucionados os alguns de seus desafios, tais como aqueles provenientes do protagonismo estudantil e o necessário diálogo entre extensionistas e comunidades.

Com a leitura desses artigos, os leitores terão uma possibilidade de acumular um saber centrado na construção e complexidade de efetivação do espaço geográfico.

Otávio Augusto Alves dos Santos e Hugo Arruda de Moraes

Janeiro de 2020